

O TESTAMENTO SECRETO DE PETER LUND – E O DESEMBARQUE NO BRASIL

Meu segundo trabalho é uma nova aventura arqueológica, passando agora pela pré-história brasileira. É uma homenagem ao pai da arqueologia brasileira, o dinamarquês Peter Lund, que chegou ao Brasil em 1825, ainda jovem, e passou a vida toda estudando as ossadas encontradas nas cavernas, sendo a primeira pessoa a estudar cientificamente os nossos fósseis, descobrindo animais da nossa megafauna e nossos primeiros habitantes, que datavam uma época anterior ao que se pensava. Peter Lund é considerado pai da arqueologia, paleontologia, espeleologia brasileiras.

O original é formado por três partes integradas entre si: I) Luzia, como seria a sua vida, há quinze mil anos atrás, sendo considerada a fósil mais antiga encontrada em nosso território, II) vida de Peter Lund; desde o seu nascimento na Dinamarca, até a sua morte em Minas Gerais, ambos romanceados, III), a saga do Doutor Aventura na busca do Testamento Secreto, que é ficção, passando por diversos sítios arqueológicos brasileiros, como a Ilha de Marajó, sambaquis e as grutas da Lagoa Santa, a fim de colher pistas que levem a encontrar o museu de animais de megafauna empalhados por Lund, mencionados no testamento, – que é a parte principal do livro. Devo esclarecer que a minha função de escritor, é incentivar a leitura, motivar o assunto e provocar debates sobre os temas escolhidos, tudo de um modo divertido.

Transcrevo um trecho, do Testamento Secreto de Peter Lund, em que o pai da nossa arqueologia desembarca no Brasil, vindo da Dinamarca e conhece o carnaval carioca daquela época:

“Com suas bagagens, Peter W. Lund embarcou no ano de 1825 em direção ao Rio de Janeiro. Fugindo do mau tempo em relação à sua saúde, ou , em outras palavras, procurando um clima adequado para a sua saúde, além de pretender estudar plantas e insetos do Brasil. Sua primeira parada seria no Rio de Janeiro.

Peter embarcou em Copenhagem, num dia frio, num porto lotado de pessoas. Sentou-se à janela do navio enquanto olhava a terra afastar-se, vagorosamente.

Começaria uma vida nova em terras tropicais. Confiava em sua intuição. A providência cuidará de futuro de Peter, pensava ele. Havia deixado seu país para trás, deixado o frio, sua família e também seus problemas pulmonares. Agora, teria um vasto trabalho a realizar, em conformidade com o que apreendera na faculdade, como o seu melhor aluno.

Passavam-se os dias, enquanto Dr. Lund lia durante a sua viagem ao Rio de Janeiro. Muitas coisas passavam-se em sua cabeça. Pensava no deus romano Janus, que tinha duas cabeças, uma voltada para o passado e outra para o futuro. Dinamarca, passado, Rio de Janeiro , futuro. A viagem no barco, no presente. Esta viagem iria separar o presente do futuro. Aproveitava a viagem interminável para ler os livros de biologia e pensar sobre a teoria do catastrofismo.

De longe, Lund avistava um vendaval cinza e assustador, que vinha chegando até o seu navio. Ouviu o capitão falar no alto-falante do navio que o mesmo iria ser desviado para a Ilha Faroe e assim escaparam da tempestade num primeiro momento. Mas o navio não andou muito e acabaram atracando na Escócia, por dezesseis dias.

O navio embarcara em setembro e apenas em dezembro ele aportou no Rio de Janeiro. Chegando, mesmo dentro da embarcação, Peter olhava para a beleza do Pão de Açúcar, maravilhado com a cor das águas dos mares brasileiros. Também sentia a diferença do clima, muito mais quente, tirando os paletós e ficando apenas de camisa de manga longa.

“Lugar abençoado !” – dizia Lund sobre o novo lar. Ele procurava com os olhos e já avistavam plantas que seriam estudadas e remetidas à Dinamarca.

Lund desembarcou no Rio em meio à festa do nascimento do príncipe regente Dom Pedro II e tudo era festa e alegria na nova casa, que estaria para morar.

Desceu do porto no Rio e foi procurar uma pousada no Rio, acabando de encontrar um local para dormir no chão em uma casa de comércio na Rua Direita. Qualquer pousada na Europa seria muito melhor do que arranjava no Rio, mas tudo valia a pena para uma vida nova, até as tossidas tinham diminuído com o tempo quente.

Estranhou local, achando muito sujo e muitos escravos pela rua, bem-humorados, mas que levavam surras públicas, não sendo tratados como pessoas normais pelos cariocas. Passando esta fase inicial, o que cheirava no ar era o clima de carnaval, que estava em fase preparatória e os negros todos ansiosos para a chegada do mesmo.

Lund achava que se o país tivesse sido colonizado pelos dinamarqueses ou outra nação da Europa, o Brasil estaria muito melhor, do que ser colonizado pelos sujos e agressivos portugueses.

O interesse de Lund estava mesmo interessado no imenso de trabalho de estudar a flora nativa e insetos, catalogando e classificando o que encontrava. Era chamado de Dr. Lund pelos brasileiros, coisa que o constrangia, pelo fato de ainda não ser doutor, mas que iria conquistar o doutorado para merecer ser chamado desta forma.

Em fevereiro, o carnaval chegou. A rua estava apinhada de pessoas, principalmente negros, que corriam atrás das negras e namoravam de uma maneira explícita na rua, em público. Também os negros jogavam bolas de cera nos transeuntes, acertando as pessoas que não participavam da farra geral. Tudo era muito estranho para Lund, que viera de um país formal e frio, diferente em muito do que esta algazarra que via no Brasil.

Lund havia sido convidado para um baile de gala na cidade, onde se reuniria com os intelectuais da época. Conversou muito tempo com um brasileiro, de quem admirou os conhecimentos do mesmo e que falava fluentemente o alemão. Este seria um filho de um fazendeiro no Rio de Janeiro. Falaram sobre músicas clássicas, compositores, sobre a intelectualidade da Europa.

Neste momento, enquanto bebericava copos de vinho, Peter não bebia, mais nesta noite bebeu três copos de vinho e conversava com o brasileiro, chegou a condessa Viktoria Ritter Meduna Von Riedburg und Langenstauffen Pyllwitz, de Viena que em meio ao vinho, começou a dar graças do lado de Lund, enquanto seu amigo desaparecia.

Começaram a conversar e ela mostrou-se indignada com a Dinamarca, apoiar os atos terroristas de Adolph Hitler. Peter não via a hora de

terminar a conversa e a condessa não ia embora, com falatórios nada agradáveis. Não suportava o cheiro de bebida e o ato da condessa, quando ela, com os dedos suados e males-cheirosos, começou a colocar a mão nos cabelos de Lund. O clima tropical era desculpa para todo ato romanesco no baile. Lund tentou afastar-se, retirando a mão da Condessa austríaca, enquanto ela ria, desavergonhada.

Com a pouca claridade do local, Peter pensou ter voltado o amigo brasileiro e saído à condessa, para seu alívio e pode continuar a conversa, quando foi beijado nos lábios. Sentiu uma borboleta passando pelos seus lábios e quando um rojão com fogos estourou, com a claridade do mesmo, Peter viu que era a condessa que estava ali, rindo e que se transformava num monstro gigante, dedos gigantescos e tudo no corpo da condessa ia mudando e se agigantando, ficando tudo marrom. Peter saiu correndo, descendo as escadas, cambaleando, enquanto a condessa ria e os negros olhavam e riam, ele era o centro de todas as atenções.

Desceu apressado a rua em direção à sua pousada, via negros fazendo sexo no canto das ruas, quando levou uma bolada de cera nas costas. Deu mais dois passos cambaleando e levou outra bolada de cera nas costas. Quase caiu, mas continuou o cambaleamento pelas ruas, até ser atingido por leite de cabra, jogado pelos negros.

Prometeu a si mesmo nunca mais beber. Ele só consumia chás e leite, desta vez foi a última que poria na boca uma bebida alcoólica. E assim, desceu as ruas cariocas, até a pousada, onde dormiu de roupa e tudo.

Peter desencantou-se do carnaval carioca. Seu maior interesse estava na coleta e estudos de insetos e moluscos e fazia excursões na região, que dava muito prazer. Também praticava a caça.

Passou um tempo em Nova Friburgo, uma bela colônia suíça, onde trabalhadores cultivavam vinho e milho. Uma cidade ajeitada, onde Peter adorou a conversa com os seus habitantes, gentis e prestativos, ao contrário do sujo e bagunçado Rio de Janeiro.

Passou pela Fazenda Rosário, por vários locais, onde estudou detalhadamente um bicho-preguiça, para a sua alegria, viajou para São Salvador de Campos e São Fidelis, no rio Paraíba, onde teve contato com os índios Coroados e Corópos. Tudo era motivo de anotações estudos. A natureza valia muito a pena no Brasil, ser estudada, preservada e cultuada.” .

(Paulo Eduardo Michelotto, é advogado e escritor, autor do livro “O testamento secreto de Peter Lund” , a ser publicado.)